

## *Instagram as a place of memory*

### **Instagram como lugar de memória**

**Keyseane Santos da Silva**

Programa de Graduação em Arquivologia, Universidade Federal do Amazonas

[keyseane\\_ks@hotmail.com](mailto:keyseane_ks@hotmail.com)

Recebido: 27/04/2021

Aceito: 29/04/2021

Publicado: 04/05/2021

DOI: 10.51919/revista\_sh.v1i0.259

**Abstract.** *Discusses the relationship of the Instagram social network with memory, in order to make its basic theoretical constructs and characteristics comprehensible in order to draw attention to the importance of photography as a visual memory of the physical and natural world. Sontag (1981) states that over time photography began a process of "[...] democratizing all experiences through its translation by images" and, for this purpose, this work, from a theoretical point of view, seeks studies and reports on how the Instagram platform contributes to maintaining the memorial of post-mortem users through the memorial function and profiles that make posthumous tributes to users. It is a qualitative research, with bibliographic, documentary and reports as a procedure for the construction of the theoretical framework. It is concluded, in view of the theme, that photography, even in the social media environment, retains its symbolic character, occasionally creating identification both with the object portrayed, and with the representation of a moment, an experience or a past.*

**Keywords.** *Instagram. Memorial. Post-mortem.*

**Resumo.** Discute a relação da rede social Instagram com a memória, a fim de tornar compreensíveis seus constructos teóricos basilares e suas características com o objetivo de chamar a atenção para a importância para a fotografia como memória visual do mundo físico e natural. Sontag (1981) afirma que com o tempo a fotografia começou um processo de “[...] democratização de todas as experiências através de sua tradução por imagens” e, para tanto, este trabalho, do ponto de vista teórico, busca os estudos e relatos sobre como a plataforma Instagram, contribui para manutenção do memorial dos usuários post-mortem através da função memorial e dos perfis que fazem homenagens póstumas de usuários. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com levantamento bibliográfico, documental e relatos como procedimento para a construção do referencial teórico. Conclui-se, diante da temática, que a fotografia, mesmo no ambiente das redes sociais, ainda conserva seu caráter simbólico, ocasionalmente criando identificação tanto

com o objeto retratado, quanto com a representação de um momento, uma experiência ou um passado.

**Palavras-Chave.** Instagram. Memorial. Post-mortem.

## 1. Introdução

Para além da importância das memórias de um material, a fotografia tem sempre uma história. Olhar para uma fotografia nos remete a um momento do passado traçado na existência de memórias que marcaram uma existência. No contexto contemporâneo a fotografia ganha mais espaço de memória diante dos olhares sempre atento de todos, especialmente daqueles que possuem um *smartphone* nas mãos em quase todos os momentos. Nas palavras de Sontag (2004), “quaisquer que sejam as limitações (por amorismo) ... qualquer foto parece ter uma relação mais inocente e, portanto, mais acurada, com a realidade visível do que outros objetos miméticos” (Sontag, 2004, p. 67).

Neste sentido, com o nascimento da era digital, das mídias sociais e dos registros fotográficos dispostos em várias plataformas sociais que representam os registros da história cotidiana nos perguntamos? Como as redes sociais, especialmente a plataforma Instagram, contribui para manutenção do memorial dos usuários *post-mortem*?

Le Goff diz que “tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica (LE GOFF, 2003, p. 40). Assim, as redes sociais possuem, na sua essência, a capacidade de elaborar a história como amparo à recuperação do passado de um usuário e obter dados sobre os acontecimentos cotidianos.

Os textos que tratamos aqui são pequenas janelas no tempo fixadas na internet, são a história de vida de uma pessoa, informações captadas consecutivamente no passar dos dias, na sua convivência compartilhadas nas mídias sociais. Com relação ao tempo buscamos, mesmo que brevemente, nas palavras de Chagas (1994), o apoio para atribuir aos textos aqui estudados a importância de vida de uma pessoa e suas contribuições culturais.

O contexto social do século XXI é permeado pelas tecnologias e suas contribuições, sejam elas positivas ou negativas. Vivemos no contexto da instantaneidade, da divulgação da vida social, na busca por informações, ou informações que se propagam em minutos globalmente. Histórias, vivências, nichos, informações, memória, tudo se forma no emaranhado da tecnologia global. Gantz (2008) nos informa que ocorreu uma verdadeira explosão do universo digital, no que se refere à informação. Em 2020 esse universo tomou conta totalmente do nosso cotidiano, da nossa vida, dos nossos afazeres.

E é nesse contexto que o Instagram ganhou enfoque maior que todas as outras redes sociais, principalmente pelo potencial adquirido nos últimos anos como uma rede social a qual é alimentada diariamente com fotos e vídeos, pessoais e públicos, por mais de 1 (um) bilhão de usuários, sendo o Brasil o segundo país em utilização.

Segundo Richter (2004) tudo isso foi iniciado a muitos anos atrás quando o homem sentiu a necessidade de registrar suas observações e atos, pois a memória do povo era insuficiente para manter a lembrança dos fatos. Os primeiros achados históricos sobre a fotografia e o processo de criação da câmera fotográfica se deu através Nicéphore Niepce (1765-1833), que usava como material sensível um betume da Judéia. Niépce mostrou seu experimento para Daguerre (1787-1851) que o associou a outras experimentações,

criando assim o daguerreótipo. Na década de 70 do século XIX, o daguerreótipo foi à primeira solução prática do problema fotográfico, pois este “[...] ligava, ainda que precariamente, os objetos dispostos a sua frente” (BATISTA, 2015, p. 3).

Sontag (1981) afirma que com o tempo a fotografia começou um processo de “[...] democratização de todas as experiências através de sua tradução por imagens” e, para tanto, este trabalho, do ponto de vista teórico, busca os estudos e relatos sobre como a plataforma Instagram, contribui para manutenção do memorial dos usuários *post-mortem* através da função memorial e dos perfis que fazem homenagens póstumas de usuários.

Para embasar os argumentos do trabalho, discutiremos os conceitos e relação entre memória e fotografia apresentando autores que se dedicam ao tema. Logo após faremos um breve histórico das redes sociais na via contemporânea e aprofundaremos com a rede social *Instagram* e assim finalizaremos com a análise reflexiva sobre a memória e *Instagram* diante da função memorial. E, assim sendo, deslocando o trabalho do campo meramente sintético para o campo crítico-dialético.

## 2. Memória e Fotografia

O conceito de memória é crucial. Segundo Le Goff (2003) a memória nos remete a um conjunto de conjunto de funções psíquicas, na qual o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Segundo Le Goff (2003) *apud* Meudlers, Brion e Ueury (1971), o estudo da memória abarca a psicologia a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralização súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente.

Outra forma de se analisar a memória é a partir do viés social. Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs, há dois tipos: individual e coletiva. As memórias coletivas remetem a sociedade, um grupo. Já as memórias individuais, por sua vez, coexistem e se inter cruzam com as coletivas, sendo indissociáveis e dinâmicas por modificarem-se à medida que são acessadas, servindo como “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p.51).

Nesse sentido, tanto o objeto em si quanto aquele que está representado na foto evocam uma memória. Seja, por exemplo, em um museu possuindo importância histórica e coletiva ou em um álbum caseiro ilustrando amigos, membros, familiares, ou nas redes sociais, mostrando o cotidiano, vivência e opiniões dos indivíduos, e assim entende-se a fotografia como algo além do passado, mas, para além, um testemunho visual.

Para Sontag (2004), as fotos oferecem provas de locais visitados, de programações cumpridas, de diversão. As fotos documentam sequências de consumo realizados, tornando, a dependência da câmera, um equipamento que torna real aquilo que a pessoa vivencia. Para alguns, as fotos são como troféus de grandes viagens, com artistas famosos, ou até lugares jamais visitados.

Na frente das câmeras temos a aparência que quisermos, ostentamos o que pudermos, mostramos as viagens que fizemos, o casamento feliz, o pré-wedding, o chá revelação do

sexo do bebê tão esperado, a comemoração dos cinquenta anos de casamento dos avós, a dieta fitness que seguimos, as roupas que usamos, as maquiagens que fazemos, os aniversários glamorosos, a roda cercada de amigos, os livros lidos, o restaurante famoso da cidade, a relação com os pais, namorado, crush<sup>1</sup>, os medicamentos usados, os tutoriais e... a morte.

Nessas atividades ainda cabem as *hashtag*<sup>2</sup>, das mais famosas brasileiras como o “sextou” sempre num bar badalado ou na cama assistindo televisão, como aquelas que remetem à memória de um momento bom como o “TBT” que significa Throwback Thursday ou em português, quinta-feira do retorno, ou ainda “R.I.P” que é a sigla para Requiescat in pace expressão em latim que significa "descanse em paz", em português.

É nesse ambiente que a memória está inserida e as fotos conferem provas da atividade realizada. Nunca houve um momento tão promissor para os fotógrafos como nos dias de hoje. E quanto mais inusitadas, bonitas e diferentes, mais o fotografo ganha fama, chegando até a fotografar os “ícones” mais apreciados das redes sociais. Para Sontag (2004) os fotógrafos, declaram, em geral, estar descobrindo, registrando, observando imparcialmente, testemunhando, eternizando momentos – tudo, enfim, criando, também, arte.

Todo este contexto, e os comportamentos estão no contexto, e decorrem, da era computacional. Nenhuma foto é física, mas digital e postada numa rede social para que se crie uma linha do tempo com as principais memórias fotográficas do indivíduo. E tudo isso é particularmente instável e maleável. Pode ser que o usuário queira criar um “novo estilo” dentro da sua rede social e apagar absolutamente tudo o que foi postado<sup>3</sup> anteriormente. A internet revoluciona ainda mais as memórias registradas, como nos recorda Santaella (2007), ao nos impor um novo tipo de tecnicidade que traz consigo uma linguagem híbrida, própria do ciberespaço, que continua a se modificar cotidianamente.

Segundo Le Goff (2003) a exaltação da memória coletiva não está mais nos acontecimentos, mas ao longo do tempo; a busca dessa memória está menos nos textos e mais nas imagens, ou seja, é uma conversão do olhar histórico. O modo como a fotografia fixa a aparência do mundo exterior sugeriu novos padrões. As transformações nos paradigmas da memória e fotografia, especialmente no contexto das redes sociais, tão necessárias para entender esse processo, serão brevemente apresentadas e discutidas na sequência.

## 2 Redes Sociais

As redes sociais são estruturas constituídas por sujeitos ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns. Seu diferencial se dá na configuração de sua estrutura, de forma aberta, permitindo relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os integrantes. Duarte e Frei (2008) vão além e afirmam que as redes não são apenas outra forma de estrutura, mas quase uma

---

<sup>1</sup> Pessoa por quem se tem um interesse afetivo, romântico: meu crush vem aqui em casa hoje! (gíria).

<sup>2</sup> Recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos, através do símbolo “#” antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual esse símbolo se relaciona: algumas *hashtags* espalham boas ideias pelas redes sociais.

<sup>3</sup> Postar na Internet ou compartilhar algo em sites, redes sociais etc.: postou o vídeo e já teve 1000 acessos.

não estrutura, no sentido de que parte de sua força está na habilidade de se fazer e desfazer rapidamente. É a modernidade líquida tomando forma no ciberespaço.

As redes sociais digitais são sistemas que permitem interação, exposição e a construção de uma pessoa através de um perfil ou página pessoais (BOYD e ELLISON, 2007 *apud* RECUERO, 2009). No geral, são abastecidas com forma de expressões que criam uma ligação com o outro. Essas conexões são definidas por Recuero como laços, sendo “a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações” (RECUERO, 2009, p. 3).

A intenção neste capítulo é analisar as estratégias de fixação de memória em cada rede social apontada, observando seu uso e relação com a fotografia, servindo de base para a observação do compartilhamento de imagens antigas no Instagram. As redes sociais baseadas em imagens surgiram com a massificação das câmeras digitais e a difusão da internet. Hoje, o celular e a internet móvel adicionaram às práticas de compartilhamento de imagens e construções de narrativas sobre si rapidez e praticidade, como abordadas no capítulo anterior.

Entre essas redes sociais, o Instagram tem ganhado cada vez mais destaque no ciberespaço. O Instagram é uma rede social que basicamente tem o objetivo de ser um álbum de fotos compartilhado com os nossos seguidores. Nesta rede social, podemos seguir, não apenas as pessoas que conhecemos e que fazem parte do nosso ciclo real de amizades, mas também pessoas que não conhecemos, e que admiramos como artistas, bloggers, etc. No momento em que temos contato com a vida dessas pessoas, mesmo não as conhecendo, elas se transformam em íntimas por meio de suas fotos e, mais recentemente, por intermédio dos *Stories*<sup>4</sup> onde podemos ver em vídeo registros das últimas 24h de seu dia. Vamos falar sobre as funcionalidades do Instagram.

## 2.1 Instagram

O Instagram é a rede social utilizada com a finalidade de compartilhamento de imagens. Nesse sentido é importante destacar que, além de compartilhar imagens, o Instagram armazena essas fotografias, construindo um perfil identitário de cada usuário. Este, dentro de sua conta, terá acesso a sua memória, registrada e guardada num novo substrato de memória, a memória digital. Para a pesquisadora Silva (2016):

Nesse cenário tecnológico, observa-se que a web e suas ferramentas têm contribuído diretamente com a mudança cultural acerca da construção da memória da sociedade, pois é verificado que a memória passa a ser registrada também através de mecanismos digitais, que proporcionam ao indivíduo a possibilidade de registro, compartilhamento e armazenamento de informações, bem como a construção da memória coletiva através das atuais redes sociais que abarcam a sociedade em nossa era informacional (SILVA, 2016, p. 118).

O Instagram tem se configurado como ferramenta de uma memória individual que se torna coletiva dentro de uma realidade que pressupõe a rede social. Assim, um usuário ativo do Instagram pode encontrar na rede social não apenas um canal de compartilhamento de imagens, mas um perfil que carrega em si informações que definem

---

<sup>4</sup> A função chamada Instagram Stories, permite que os usuários publiquem fotos e vídeos rápidos, que podem ser editados, mas sem filtros, e que só podem ser visualizados por um período curto de tempo, pois saem do ar em 24 horas.

a sua identidade. Uma página na *web* com fotos de momentos marcantes da sua vida, previamente selecionadas com a intenção de gerar curtidas e comentários, representa uma espécie de exposição autobiográfica onde o curador é o próprio indivíduo.

Este decide o que deve ou não se mostrado, baseando-se em critérios pessoais, formando dessa maneira, uma nova rede memorialística, uma espécie de museu de si mesmo. De acordo com o próprio site do Instagram, tal museu pode ser acessado por pessoas de diversos países do mundo e pelo próprio usuário quando quer recorrer a uma recordação.

Lançado em 2010, o Instagram se apresenta como um aplicativo propício a interação entre os sujeitos a partir do compartilhamento de fotos e vídeos. Seu número de usuários já ultrapassa a casa de 1 bilhão e, de acordo com um documento da Reuters intitulado Institute Digital News Report (2020), o Instagram está caminhando para se tornar uma ferramenta de acesso a notícias bastante popular no mundo o que se constituem como principais pontos de partida para a criação de laços (RECUERO, 2009) entre os perfis.

Ainda na pesquisa do Institute Digital News Report (2020), o Instagram viu sua plataforma ser, em média, 3% mais procurada por usuários que buscam notícias (de 8%, em 2014, a 11%, em 2020) nos 12 países participantes do levantamento. O Brasil, inclusive, é o país que mais consome informações pela rede social, visto que 30% dos 2.058 brasileiros entrevistados relataram que usam o Instagram para isso.

Desde o início, o aplicativo possuía como objetivo principal o compartilhamento de fotografias instantâneas. Em suas primeiras versões, somente imagens capturadas com a câmera do aplicativo podiam ser compartilhadas, não permitindo que fotos antigas ou tiradas em outros dias fossem publicadas. O ícone do aplicativo, semelhante ao das câmeras *Polaroid*<sup>5</sup>, reitera esse caráter imediatista pregado pela rede social.

Dentro dessa perspectiva, cabe analisar do ponto de vista teórico estudos e relatos que ilustrem a contribuição da rede para manutenção do memorial dos usuários *post-mortem* através da função *Memorial* e dos perfis que fazem homenagens póstumas de usuários. Estaria o Instagram narrando a própria história de vida dos usuários ou inventando uma história baseada naquilo que foi por si mesmo vivido para testificar a manutenção do memorial *post-mortem*?

### 3. Memória e Instagram: o caso da função memorial

Buscando entender como as redes relatam as práticas sociais cotidianas e como as memórias sociais dos patrimônios digitais fotográficos se estabelecem nessa nova configuração do Instagram, busca-se uma análise crítica-dialética, baseada no materialismo histórico através de livros, documentos, entrevistas e notícias do entendimento de que a rede social pode atuar como memorial fotográfico da vida dos seus usuários, principalmente no que se refere à usuários *post-mortem*.

Em 2020 o Instagram anunciou uma nova função chamada *Memorial* que permite que as contas de usuários permaneçam na rede social. Entre as mudanças, haverá a criação de uma legenda "relembrando" (*remembering*, em inglês), mostrando que o perfil pertence a uma pessoa já falecida.

---

<sup>5</sup> Apesar de fabricar todo tipo de câmera, Polaroid é sinônimo de foto instantânea. Criada pela Polaroid Corporation em 1948, a primeira câmera instantânea levou a marca para a fama.

Essa função existe, de maneira mais simplificada, desde 2018. Parentes ou amigos de um usuário que morreu podem preencher um formulário específico ao Instagram pedindo para que o perfil seja "memorializado". Alterações não são possíveis, mesmo com a senha da conta. A rede social blinda também o acesso à conta, de forma que o perfil não pode sofrer qualquer tipo de alteração. Ou seja, são garantidas inalteradas as curtidas, seguidores, marcações, publicações e comentários do passado em vida do signatário. O usuário também deixa de ser exibido em espaços públicos, como, por exemplo, a partir da ferramenta *Explorar*.

Além dessa função, há outras maneiras de rememorar pessoas *post-mortem*. *Inumeráveis* é um memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do Coronavírus no Brasil (Figura 1). Todo o trabalho iniciou em um site, porém ganhou muita repercussão quando criado um perfil no Instagram para inserir os epitáfios e descrever nome completo, idade e cidade onde a pessoa morava. Apresenta-se com um lema singelo: *não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa*. Hoje, o perfil conta com mais quase 100 mil seguidores e 630 publicações de histórias sobre as vítimas de Coronavírus no Brasil. Uma das idealizadoras do projeto fala da importância de mostrar para a sociedade que nossos entes que se foram não são apenas números; são histórias, sonhos, familiares, amigos, casais, filhos, maridos, esposas, filhos, avós que tinham sonhos e compartilhava amor com seus próximos.



Figura 1. Foto do perfil inumeraveismemorial.

Fonte: Acervo Instagram, 2020.

O recurso Instagram *Stories* tem como premissa o compartilhamento de imagens que expiram após 24h. O recurso, localizado no topo da página do aplicativo, é marcado pela possibilidade de variadas formas de manipulação da imagem. No início, somente fotos instantâneas poderiam ser compartilhadas, mas, em fins de 2017, qualquer conteúdo no rolo da câmera passaria a ser compartilhável.

Podemos observar que o Instagram fez surgir dinâmicas de sociabilidade específicas, que, por vezes, delimitam determinam as predileções e as conveniências próprias. Alimentam assim condutas, hábitos ou escolhas que ficam em evidência através dos conteúdos publicados. Sendo assim, as redes sociais podem contribuir para que tenhamos uma opinião não só apenas sobre determinada pessoa, mas, também sobre determinado lugar.

Conforme Aumont (2012, p. 8) vivemos em uma “civilização da imagem” as quais são cada vez mais numerosas, mas também cada vez mais diversificadas e mais congruentes.

Para Aumont (2012, p. 77) muitos são os elementos que intervêm na nossa relação com uma imagem:

[...] além da capacidade perceptiva, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que, por sua vez, são muito modelados pela vinculação a uma região da história (a uma classe social, a uma época, a uma cultura). Entretanto, apesar das enormes diferenças que são manifestadas na relação com uma imagem particular, existem constantes, consideravelmente trans-históricas e até interculturais, da relação do homem com a imagem em geral.

Para que os outros usuários entendam que publicar implica em compartilhar memória através da fotografia, é preciso que sinalizar através da contextualização, Segundo Sibilia (2016, p.55) “Os habitantes desses espaços montariam espetáculos de si mesmo para exibir uma intimidade inventada”. O indivíduo que está postando fotos sobre si mesmo no Instagram, ou em qualquer outro espaço na web, assume o papel de autor, narrador e personagem, tudo ao mesmo tempo, segundo Sibilia (2016).

Mesmo nos perfis que usam a nova função memorial, lá se encontra um pouco da história da pessoa que se foi, da sua personalidade, dos seus momentos de alegria e por que não, os de tristeza. E o que dizer de perfis post-mortem famosos, como aquele retratando a batalha de uma digital influencer<sup>6</sup> com câncer e que se tornou um dos mais acessados em todos os tempos? Nara morreu aos 24 anos no dia 21 de maio de 2018. Ela lutava contra um câncer raro e ganhou fama ao falar sobre sua luta contra a doença nas redes sociais. Seu perfil virou memorial e pode ser acessado pelos usuários (Figura 2).



Figura 2. Foto do perfil de Nara Almeida.

Fonte: Acervo Instagram, 2020

O Instagram é, assim, uma nova forma de compartilhamento e armazenamento de memórias, muito mais que uma simples rede social de fotografias: a rede social tem se tornado ferramenta de salvaguarda de recordações pessoais, recordações essas que possuem um caráter único, pois são postadas intencionalmente. As fotografias são selecionadas, editadas, filtradas e, só após o processamento, postadas para contemplação pelo outro e por si mesmo.

<sup>6</sup> Digital influencer (ou, traduzindo literalmente, influenciadores digitais), basicamente, é a pessoa que detém o poder de influência em um determinado grupo de pessoas. Esses profissionais das redes sociais impactam centenas e até milhares de seguidores, todos os dias, com o seu estilo de vida, opiniões e hábitos.



## Considerações Finais

Mesmo no contexto contemporâneo, a fotografia continua cumprindo seu papel de reavivar memórias. Apesar das grandes modificações que ocorreram ao longo do tempo, fazendo-a transitar da câmera analógica para as câmeras acopladas aos celulares, a fotografia continua sendo um registro imagético intencional que mantém congelado um fragmento de tempo, para que se possa recorrer a isso quando necessário.

Diante dessa nova realidade, como repositório fotográfico, o Instagram tem como função básica o compartilhamento das imagens. Para além disso, a ferramenta permite guardar imagens de acontecimentos, momentos e locais onde o usuário esteve, viveu algo, de onde compartilhou sua realidade. Seria como um álbum de fotos, que nos traz recordações, momentos bons, viagens realizadas com a família ou os amigos, momentos que remetem à memória, às boas recordações.

Para além dessa realidade, cabe aqui explicar a importância educativa da ferramenta. Podemos ter mais contato com a vida e realidade de uma pessoa, mesmo no contexto *post-mortem* ampliando o cenário para a importância no viés educativo, sobretudo no cenário pós-pandêmico.

Não se trata, no entanto, de cair na dualidade sobre o tipo de imagem mais significativa no aplicativo e para o estímulo às interações. Trata-se de distinguir a forma como imagens mais velhas se adequam às práticas da rede. Até a noção de antigo se modifica, pois o que se entende como antigo pode ser retratado em uma fotografia de minutos atrás.

Tais sujeitos na contemporaneidade têm contribuído significativamente para um novo tipo de preservação do patrimônio digital por meio da disseminação e do acesso, principalmente por fotos ou imagens. O Instagram ampliou esse poder agenciador dos sujeitos, na medida em que aniquila o tempo e o espaço, tornando tudo passível de acesso ao apertar de um click.

A presente pesquisa procurou levantar e analisar a relação dos indivíduos com a rede e a memória constituída no processo, principalmente no que se refere ao *post-mortem* dos usuários. Trata-se, portanto, de avaliar o que a foto desperta: o sentimento de saudade. A fotografia, mesmo no ambiente das redes sociais, ainda conserva seu caráter simbólico, ocasionalmente criando identificação tanto com o objeto retratado, quanto com a representação de um momento, uma experiência ou um passado, porém é inserida, hoje, no contexto de efemeridade, da circulação em rede e da facilidade de fotografar.

## Referências bibliográficas

AUMONT, J. **A imagem**. 16 ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

BAUDRILLARD, J. **Diálogo com Jean Baudrillard**: além do princípio da memória do social. In: CASALEGNO, Federico (Org). *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006. (Referência não citada no corpo do texto)

BATISTA, N. **Fotografia e Memória**: Contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. – *Revista Belas Artes*. Ano 7, n.19, set-dez 2015. Disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/1/revista-ba-foto-memoria.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

DUARTE, F.; FREI, K. **Redes urbanas**. In: O tempo das redes. [S.l.]: Editora Perspectiva, 2008.

GANTZ, J. **The diverse and exploding digital universe: an updated forecast of the worldwide information growth through 2011**. [S.l.] :International Data Corporation (IDC), 2008. Disponível em: <http://book.itep.ru/depository/forecasts/book268.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

GOMES, M. E. Existe vida depois da morte... **Veja Abril**, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/marcos-emilio-gomes/existe-vida-depois-damorte/>. Acesso em: 18 set. 2020.

GRIMALDI, S. S. L.; ROSA, M. N. B.; LOUREIRO, J. M. M.; OLIVEIRA, B. F. **O patrimônio digital e as memórias líquidas no espetáculo do Instagram**. *Perspect. ciênc. inf.* [online]. 2019, vol. 24, n.4, pp. 51-77. Epub Feb 10, 2020. ISSN 1981-5344.

INSTAGRAM corre para lançar função de 'memorial' em perfil de usuário morto. **Tecnoblog: tecnologia que interessa**, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>. Acesso em: 20 set. 2020.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Edições Vórtice, São Paulo, 1990.

MENDONÇA, A.; Werneck, G. Coronavírus: jornalistas desenvolvem memorial on-line para vítimas da doença. **Estado de Minas**, 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/06/interna\\_gerais,1144934/coronavirus-jornalistas-desenvolvem-memorial-on-line-para-vitimas-da.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/06/interna_gerais,1144934/coronavirus-jornalistas-desenvolvem-memorial-on-line-para-vitimas-da.shtml). Acesso em: 20 set. 2020.

MEUDLERS, M.; Brion, S.; e Lieury, A. "**Mémoire**", em **Encyclopaedia Univer.mlis**, vol. X, Encyclopaedia Universalis France, Paris. pp. 785-91.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

RECUERO, R. **Estratégias de personalização e sites de redes sociais: um estudo de caso da apropriação do Fotolog.com**. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, vol.5, n.12, p.35-56. Mar. 2008.

RICHTER, E. I. S.; GARCIA, O. M. C.; PENNA, E. F. **Introdução à Arquivologia**. 2ª edição – Santa Maria: FACOS – UFSM, 2004.

REUTERS INSTITUTE DIGITAL NEWS REPORT 2020. Social media preferences also becoming more visual. Julho, 2020. Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR\\_2020\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf). Acesso em: 18 set. 2020.

SANTAELLA, L. **As linguagens como antídoto ao midiacentrismo**. *MATRIZES*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 75-97, jul/dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143017362005.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Companhia das Letras. 2004.

SIBILIA, P. **O Show do Eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010478412017000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010478412017000100011). Acesso em: 18 set. 2020.

SILVA, I. C. O. A memória social registrada no Facebook. Revista Conhecimento em Ação, n. 1, v. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/2879>. Acesso em: 18 set. 2020.

SILVA, S. L. **#TBT: resgate da memória no Instagram?** Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC (Jornalismo), 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28297/1/tcc.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.